



Contribuição da Produção Editorial na Adequação de Suportes Midiáticos à Comunicação na Sociedade Contemporânea¹

Tércia Ornelas Gomes

Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH

Resumo

Este artigo propõe discutir o papel do Produtor Editorial, que se apresenta técnica e teoricamente capaz de adequar e acondicionar, tanto nos suportes midiáticos como nas peças e projetos gráficos, as informações proferidas da comunicação midiática e organizacional. O fio condutor dessa discussão vai pontuar a trajetória histórica da evolução tecnológica que traz no seu curso o fenômeno da Internet, responsável pela mobilidade na sociedade da informação. Queremos provocar aqui a possibilidade de atrair reflexões capazes de orientar e coordenar ações de áreas afins nas organizações públicas, em função de uma comunicação mais integrada e que dê uma correta visibilidade das ações de seus agentes políticos, compreendendo que esses produtos editoriais irão intermediar os processos de comunicação na sociedade contemporânea.

Palavras-chave:

Novas Tecnologias; Sociedade e Informação; Produção Editorial.

1 Introdução

Nos últimos dez anos, o mundo sofreu transformações suficientemente capazes de nos deixar deslumbrados e perdidos ao mesmo tempo, devido ao volume e sofisticação das informações proporcionadas pelos avanços das novas tecnologias. Muitos dos que convivem hoje com os *bits* e as “fibras óticas” pertenceram à geração que contemplou o céu nos anos 1970, ainda incrédulos sobre a conquista espacial do homem, ao pisar no solo lunar, cuja imagem foi eternizada na frase de Neil Armstrong, astronauta do projeto americano Apolo 11: “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a Humanidade”.²

O conjunto dessas transformações geradas por essa revolução tecnológica criou, sem maiores questionamentos e uma adequada percepção dos fatos, a Sociedade da Informação. Desde então, o homem moderno que vive ligado pela complexidade das

¹ Trabalho apresentado no XVI Endocom – Encontro de Informação em Ciências da Comunicação.

Tércia Ornelas Gomes graduada em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial pelo Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH. E-mail: <ornellas@mp.mg.gov.br>

² Confira mais sobre o Projeto Apolo 11 no *site*: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Neil_Armstrong> Acessado em 24 de outubro de 2005.



atividades e ferramentas oferecidas pelas novas tecnologias vem alterando sua rotina para acompanhar o ritmo dos acontecimentos e tornar confortável suas relações cotidianas vivenciadas na nova sociedade.

Não há estranheza no deslumbramento dos usuários das novas tecnologias, porque muitas são de fácil acesso considerando-se os inúmeros aparelhos projetados para seduzir os consumidores, mas que podem deixar no cidadão uma enganosa sensação de domínio do conhecimento, o que nos permite acreditar que vivemos numa democracia plena e justa.

Muitas vezes, as informações não são bem compreendidas devido aos deficientes processos educacionais, comuns aos países que ainda não estão totalmente comprometidos com a educação e inclusão digital de seu povo, o que certamente traz sérias dificuldades na evolução e na integração dos povos, ainda dispersos pelos vários pontos do nosso planeta. “A inclusão digital envolve uma mudança cultural e para isso um longo tempo é necessário. Nada é imediato”, diz o gerente de tecnologia e de projetos da consultoria Roland Berger & Partners, Alessandro Fontenelle.³

Por isso, o profissional de comunicação social com habilitação em produção editorial deve conquistar seu lugar na sociedade da informação para, assim, ocupar os espaços, surgidos de lacunas, deixadas por outros profissionais, no trato, produção e formatação de suportes midiáticos, considerando a questão da temporalidade das informações para que esse suporte possa acomodá-las devidamente. Para tanto, é preciso compreender a linguagem específica a cada um dos suportes escolhidos.

De forma continuada, buscamos compreender quais caminhos devem ser adotados para que a comunicação aconteça, evitando que a inconsistência das informações geradas pelos *mediuns* não interfira negativamente nas ações e nas intenções dos agentes políticos ou públicos no cumprimento de sua missão institucional, cuidando para que o cidadão não se isole desse processo de comunicação.

Assim, para traçarmos a nossa análise, sob o foco temático dos teóricos Manuel Castells, Zygmunt Bauman e Pierre Lévy, sustentamos o pressuposto de que a sociedade da informação e suas conseqüências para a sociedade moderna foram decorrentes dos avanços tecnológicos que tiveram seu desenvolvimento amparado nos investimentos bélicos provenientes da Segunda Guerra Mundial.

³ Inclusão digital é a melhor saída para ampliar mercado (Rosana Hessel e Cristina Guimarães, 2003). Disponível no site: <<http://www.economiabr.net/2003/08/02/inclusao.html>> Acessado em 25 de novembro de 2005.



Este artigo, além de chamar atenção para os acontecimentos que vêm modificando a comunicação na sociedade contemporânea, é uma contribuição e um esboço do que poderá ser matéria de outros estudos e projetos institucionais de maior abrangência sobre os benefícios de se ter uma comunicação organizacional orientada pela complexidade técnica, teórica e mercadológica dos profissionais com formação em Produção Editorial.

2 Sociedade da Informação

2.1 A Sociedade Pós Segunda Guerra Mundial

A conquista de novos espaços sempre fascinou o homem desde a Antigüidade. Por isso a humanidade esteve envolvida com antigas disputas territoriais que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para o progresso de uma nação em relação às outras. Inevitavelmente, o homem investiu seus esforços nas guerras para dominar a Terra, o mar e o ar numa demonstração de poder que servia para afirmar a posição de cada superpotência.

Com a falência da paz entre as nações modernas, provocada pela crise no Extremo Oriente e principalmente no cenário europeu, desencadeou-se uma série de conflitos sobretudo com a chegada dos nazistas ao poder por volta do ano de 1939, fato que, segundo Aquino, foi o principal fenômeno articulador da Segunda Grande Guerra Mundial e, conseqüentemente, reorganizou o panorama político e econômico internacional, liderados pela supremacia dos norte-americanos e soviéticos, principais articuladores até o fim dessa guerra.⁴

Enquanto a Europa, dividida pela guerra, sofria com as imposições políticas provocadas pela desordenada economia do mundo capitalista, a URSS conquistava o lugar de grande potência, passando a ser reconhecida como um dos países mais importantes no combate aos alemães junto aos norte-americanos, embora entre eles houvesse interesses ideológicos contrários.⁵

Somente no ano de 1943, com a vitória dos Três Grandes Aliados (EUA, URSS e Inglaterra), começou a se configurar a paz entre as nações envolvidas pela guerra, tendo-se em vista os tratados fixados pelas novas organizações internacionais – Banco

⁴ O colapso econômico provocado pela crise de 1929 espalhou-se rapidamente e desarticulou o cenário econômico mundial devido a interdependência do sistema capitalista comandado pelos EUA, maior credor dos países europeus. Esclarecimentos complementares, consultar: AQUINO, 1992, p. 274-280.

⁵ A URSS surpreende o mundo como uma superpotência e o único país a não sentir os efeitos da crise pois adotava uma economia fechada que não permitia a utilização de recursos externos. Informações complementares disponíveis no site: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=31>> Acessado em 20 de setembro de 2005.



Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e a Organização das Nações Unidas (ONU). As nações convocadas se reuniram em conferências para discutirem a extensão dos problemas provocados pela Segunda Grande Guerra, de tal forma que, no ano de 1945, a rendição dos alemães e dos japoneses tornou-se inevitável e, conseqüentemente, proporcionou o término da guerra.⁶

Os Estados Unidos, ao final da Segunda Guerra, detiveram o controle de toda a parte não-comunista do planeta e o comando hegemônico das tecnologias, com investimentos nas áreas financeira, econômica e militar, numa demonstração ideológica evidenciada no progresso e na liberdade. Todo esse modelo social adotado pelos americanos não conseguiu seduzir o regime adotado pelas nações comunistas, o que fez com que estas ficassem isoladas do resto do mundo. Esse isolamento era sustentado pela inibição às manifestações democráticas, pela proibição da livre circulação de idéias que cerceava a vida privada dos indivíduos e limitava suas fronteiras com um policiamento ostensivo. Enquanto as nações comunistas rejeitavam o ideário americano, as nações do mundo capitalista se viam como que encantadas pelo estilo de vida adotado pelos norte-americanos. Alimentadas pelo desejo de reconstrução, essas nações destruídas pela guerra foram seduzidas pela tão sonhada liberdade americana cujas imagens eram projetadas pelos cenários hollywoodianos impregnados da personificação da vida de seus ídolos e suas fantasias difundidas no cinema, conforme argumenta Tognoli:

O ideal da cultura norte-americana tornou-se o ideal de vida do mundo ocidental. Os bens de consumo domésticos (liquidificadores, aspiradores de pó, máquinas de lavar roupa, enceradeiras), inventados ou aperfeiçoados com base nas tecnologias de guerra, passaram a ser exportados para o mundo inteiro, assim como a “fast food” (resultado da tecnologia desenvolvida para alimentar soldados na frente de batalha), os automóveis e os aparelhos de comunicação de massa.⁷

Já no final da Segunda Guerra Mundial, agora com as duas superpotências, Estados Unidos e União Soviética, em posições opostas, movidas pelos fortes interesses econômicos e políticos em busca da hegemonia mundial, o planeta se viu novamente ameaçado, com a possibilidade de um novo tipo de guerra, sob a mira das ogivas nucleares, ainda mais devastadora que as já travadas em toda a história da humanidade: a guerra nuclear. Era o prenúncio da chamada guerra fria.⁸ A insegurança entre as

⁶ Em maio de 1945, a Alemanha rendeu-se incondicionalmente e o Japão assinou sua rendição após ver destruídas Nagasaki e Hiroshima pelas bombas atômicas lançadas pelos americanos. AQUINO, 1992, p. 280-281.

⁷ TOGNOLI, 1996, p. 27.

⁸ A Guerra Fria foi o mais perverso e o mais longo de todos os conflitos do pós-guerra, que influenciou a vida de todos os povos ricos e pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos, que produziu o maior e mais incrível



nações na década de 1950, em razão desses novos conflitos, fez surgir o primeiro avanço tecnológico motivado pelo desenvolvimento de reatores nucleares, numa das etapas de fabricação de uma bomba nuclear.

A supremacia norte-americana seguiu adiante, fortalecida por investimentos e exportações e fez dos EUA líder absoluto nas questões tecnológicas, financeiras, econômicas e militares, exercendo uma grande influência a ponto de determinar os rumos do planeta, ao tornar suas empresas multinacionais, com suas filiais espalhadas por todo o mundo não-comunista.

As provocações produzidas pelo clima da Guerra Fria, que sustentaram o forte desejo das nações envolvidas na busca de melhores equipamentos para se protegerem dos possíveis ataques nucleares que influenciaram e fomentaram projetos relevantes na produção de energia nuclear, trouxeram contribuições relevantes para as inovações tecnológicas desde as mais simples até as mais arrojadas, como as desenvolvidas na aeronáutica e na trajetória dos computadores, como podemos averiguar na descrição de Hobsbawm:

Não fosse pela Segunda Guerra Mundial, e o medo de que a Alemanha nazista explorasse as descobertas da física nuclear, a bomba atômica certamente não teria sido feita, nem os enormes gastos necessários para produzir qualquer tipo de energia nuclear teriam sido empreendidos no século XX. Outros avanços tecnológicos conseguidos, no primeiro caso, para fins de guerra mostraram-se de aplicação consideravelmente de aplicação mais imediata na paz – pensamos na aeronáutica e nos computadores – mas isso não altera o fato de que a guerra ou a preparação para a guerra foi um grande mecanismo para acelerar o técnico, “carregando” os custos de desenvolvimento de inovações tecnológicas que quase com certeza não teriam sido empreendidos por ninguém que fizesse cálculos de custo-benefício em tempo de paz, ou teriam sido feitos de forma mais lenta e hesitante.⁹

Com o objetivo claro de resguardar o sistema norte-americano de comunicação dos espões soviéticos, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos ficou encarregado de projetos e pesquisas avançados para desenvolver novas tecnologias da informação, capazes de provocarem questionamentos como os produzidos por Tognoli:

Toda essa revolução tecnológica está intimamente associada ao crescimento desmesurado da indústria bélica, impulsionada pelas duas guerras mundiais e pela subsequente Guerra Fria. A produção de

desenvolvimento tecnológico da Humanidade voltado todo ele para sua própria destruição. Confira mais informações o Site: <<http://www.esg.br/publicacoes/artigos/a042.html>> Acessado em 20 de setembro de 2005.

⁹ HOBBSAWM, 2001, p. 54.

projéteis, da bomba atômica, de foguetes e robôs com fins militares forneceram a matriz pra o desenvolvimento acelerado da indústria de bens de consumo cada vez mais automatizados. Mas, se as duas guerras mundiais criaram a tecnologia, também produziram como efeito a agonia das ideologias.¹⁰

Portanto, esse processo veio a influenciar e revolucionar a comunicação por meio das transmissões via satélite, responsável pela evolução da televisão e da telefonia, que até hoje causa impacto nas relações internacionais nos seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Assim como também lançou as bases para o desenvolvimento das tecnologias digitais.

2.2 A Questão dos Avanços Tecnológicos

As novas tecnologias aplicadas para desenvolver os aparatos bélicos nos tempos de difícil comunicação entre os países envolvidos na Guerra Fria extrapolaram de maneira considerável os investimentos e as expectativas com indicações claras de que, a partir daí, o processo tecnológico seria cada vez mais abrangente. Tanto assim que os meios de comunicação mais antigos, usados pela mídia clássica, como a imprensa, sofreram sucessivas transformações, as quais foram cruciais para o desenvolvimento de novas mídias.

Porém, essas inovações tecnológicas passaram a fazer parte do dia-a-dia dos cidadãos modernos, tanto no que diz respeito ao auxílio nas relações de trabalho, como nas relações interpessoais, modificando o comportamento daqueles que fazem parte da sociedade da informação.

A evolução dos meios de comunicação de massa – televisão, rádio e imprensa escrita – trouxe interferências imediatas no cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, provocou alterações significativas nas relações de consumo entre os indivíduos em todos os cantos do mundo.

Essa transformação estimulou, numa explosão seqüencial, os investimentos em novas tecnologias da informação perceptível no desenvolvimento dos vários suportes para disseminar os produtos informacionais, tornando-os cada vez mais sofisticados e disponíveis no mercado, como no caso da acessibilidade dos computadores pessoais que contribuem para a aceleração do processo comunicacional.

Muitos foram os avanços tecnológicos no século XX; entre eles, o mais significativo foi o surgimento das fibras óticas com suas múltiplas possibilidades de interligar telefones,

¹⁰ TOGNOLI, 1996, p. 16.



televisores e computadores modificando definitivamente o comportamento dos consumidores como no caso dos usuários do telefone celular.¹¹

Em razão desse constante desenvolvimento tecnológico, ocorreram várias discussões sobre seus efeitos na sociedade, o que uniu os mais renomados filósofos e educadores contemporâneos em torno do assunto na tentativa de abrir espaço para debates na busca de possibilidades para os cidadãos participarem das novas propostas de comunicação na Era Digital, como no caso do professor da FECAP-SP Edson Sadao Lizuka, que publicou um artigo na Internet em que discutia “o não acesso e o não uso da Internet” numa tentativa de analisar a exclusão digital, apresentado aqui numa fração:

O termo exclusão digital (digital divide) tem a sua origem em meados da década de 1990 com a publicação de um artigo de Jonathan Webber e Amy Harmon no jornal Los Angeles Times em 1995, de acordo com Larry Irving da Irvinfo.com; Andy Carvin da Benton Foundation diz que no início de 1996 houve uma declaração do então presidente dos EUA Bill Clinton e do vice-presidente Al Gore em que ambos citam o termo digital divide num discurso realizado em Knoxville, Tennessee. De acordo com a OCDE (2001), a exclusão digital refere-se à distância entre indivíduos, famílias, empresas e regiões geográficas em diferentes níveis sócio-econômicos com respeito, simultaneamente, às suas oportunidades de acesso às tecnologias de informação e comunicação (TCI's) e o uso da internet para uma ampla variedade de ações e atividades. Há outras formas para definir a exclusão digital: uma delas remete à distância entre os que estão fazendo uso das novas tecnologias e os que não estão, de acordo com Robert Anthony (2000) e Wallys W. Conhaim (2000); de acordo com John N. Berry III (2000), refere-se ao abismo de informações existente entre os que têm acesso às novas tecnologias e os que estão alijados desse processo. Para Silveira (2001, p. 18): “a exclusão digital ocorre ao se privar as pessoas de três instrumentos básicos: o computador, a linha telefônica e o provedor de acesso.” O autor ressalta que a exclusão digital não é mera consequência da exclusão social.¹²

Assim, o mundo influenciado pelas novas tecnologias passa a viver orientado pelos novos paradigmas sociais alterando os conceitos de inclusão e exclusão, com base no acesso às informações produzidas pelas novas mídias que, apesar de disponibilizadas democraticamente, não garantem aos indivíduos o total acesso ao conjunto dos elementos que compõem a Sociedade da Informação, conforme diz Bauman:

¹¹ TOGNOLI, 1996, p. 16.

¹² Edson Sadao Lizuka, pesquisa o assunto da exclusão digital em organizações sem fins lucrativos desde 2000. Confira seu artigo, na íntegra, no Site: <<http://integracao.fgvsp.br/ano5/20/administrando.htm>> Acessado em 23 de setembro de 2005.

Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança. E que, no entanto, os efeitos dessa nova condição são radicalmente desiguais. Alguns de nós tornamo-nos plena e verdadeiramente “globais”; alguns se fixam na sua “localidade” – transe que não é nem agradável nem suportável num mundo em que os “globais” dão o tom e fazem as regras do jogo da vida. Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social.¹³

Neste ponto, podemos sentir os efeitos da globalização que, ainda segundo Bauman, propôs uma acentuada compressão tempo/espaço, acelerada nos últimos cinco anos com o uso dos produtos midiáticos como os computadores multimídia, *CDs*, *CD-Rooms*, bancos de dados portáteis, *fax* de última geração, páginas na *Web*, celulares e tantos outros meios de comunicação, que têm nos seus suportes os conectores e distribuidores diretos da informação. Para o autor, essa nova realidade promove uma constante mobilidade que atua como fator da inclusão/exclusão no espaço do conhecimento e nas relações sociais.

2.3 O Mundo Ligado pela Rede Digital na Sociedade da Informação

O espaço interplanetário é um campo fértil para pesquisadores experimentarem seus projetos espaciais, adotando tecnologias cada vez mais avançadas, na tentativa de descobrir os mistérios existentes na natureza.

O propósito aqui não é destacar esses projetos e nem os benefícios oriundos de suas conquistas, insistentemente direcionadas para questões específicas com investimentos de bilhões de dólares com base na exploração e no conhecimento espacial, mas entender o caminho feito por uma outra linha de pesquisa composta por cientistas que investiram seus esforços em pesquisas de exploração de espaço virtual delineado com o advento da Internet. Trata-se de um movimento sustentado pelas descobertas tecnológicas ligadas aos computadores em rede que leva ao entendimento, na visão do filósofo francês Pierre Lévy, de que “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano”.¹⁴

Ainda sob o olhar do filósofo Lévy, vivemos um novo dilúvio, o informacional:

¹³ BAUMAN, 1999, p. 8.

¹⁴ LEVY, 2000, p. 11.

O filósofo francês, proclama que a aurora do dilúvio informacional difere das reflexões bíblicas do primeiro dilúvio (Gênesis 7,16) que diz do gesto de Deus que fechou a porta da arca atrás de Noé, simbolizando a totalidade universal reconstruída porque, nesse segundo dilúvio, o informacional, não haverá nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Essa nova condição da Sociedade da Informação imposta pelas novas tecnologias, ainda segundo Lévy, nos impele a aprender navegar no agitado oceano da comunicação digital uma vez que o que vai ser pescado depende unicamente da escolha de cada navegante e da direção do seu olhar para os outros navegantes, levando-se em conta a grande diversidade de opções oferecidas pelo oceano, uma vez que o destino das arcas do dilúvio informacional será o de sempre ficar à deriva.¹⁵

Hoje, percebemos facilmente que os rumos da história da comunicação foram definitivamente alterados com o surgimento das novas mídias e dos produtos advindos desses avanços tecnológicos. Entre eles, a Internet se apresenta como a mais expressiva contribuição para o desenvolvimento da sociedade globalizada, apesar das dificuldades de acesso, aliada ao fato de que nem todos os indivíduos estão conectados e que as constantes inovações tecnológicas alteram o padrão dos produtos informacionais.

O grande diferencial da Internet está na instantaneidade da notícia e na atração que ela exerce sobre seus usuários devido à interação existente entre as mídias, associada às possibilidades de armazenar e distribuir as informações, que vão atender aos mais variados fins: desde o entretenimento estruturado pelos computadores pessoais ligados em rede até as negociações lucrativas do mercado de ações. A rigor, uma rede tem seus fios interligados por conexões infinitas em que as tramas feitas de nós representam a ligação entre eles e forma o universo das informações interconectadas, eliminando o espaço entre o emissor e o receptor, até então ocupado pelo produtor da mensagem, uma vez que esse tipo de comunicação permite ao usuário divulgar suas mensagens diretamente por meio dos suportes midiáticos também.

É certo que o uso das redes não é novidade quando falamos em redes sociais, redes escolares, redes organizacionais, em *marketing* de rede e, nas décadas mais recentes, quando falamos em rede de informações internacionais. Porém, a sociedade em rede se apresenta com novos conceitos globalizantes e com diversas maneiras de se comunicar, complementada pelas idéias ligadas em rede, por meio de nós interligados por várias conexões, independentemente das distâncias determinadas por esses pontos.

Dessa forma, Castells define:

¹⁵ LEVY, 2000, p. 14-15.



Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede).¹⁶

Essa movimentação da Sociedade da Informação por meio da Internet, possível hoje com infinitas possibilidades de conexão, tem sua origem diretamente ligada ao período da Guerra Fria devido à ampla difusão de tecnologia, gerada para implantar uma rede de computadores no final da década de 1960, encomendada a um grupo de pesquisa de universidades americanas pelo Departamento de Defesa dos EUA. Segundo Castells, as pesquisas sobre as primeiras experiências com o ambiente de rede surgiram do projeto militar norte-americano denominado ARPANET, como base da rede de comunicação global e novo modelo de pesquisa estratégica e multiinstitucional em tecnologia de informação e comunicação.¹⁷ Mais tarde essa tecnologia gerada pelo desenvolvimento desse projeto espalhou-se, ao ter o seu domínio liberado primeiramente entre os americanos, com pouco controle no ambiente acadêmico, e depois passou a integrar grupos do mundo inteiro atendendo aos mais variados objetivos, bem diferente daqueles surgidos das preocupações com a Guerra Fria.¹⁸

Ainda que ligada à pesquisa, a promoção do uso da Internet e do avanço da tecnologia nos EUA no final dos anos 80 passou a ser liderada pela *National Science Foundation* (NSF) com o propósito de incentivar ativamente as conexões de outros países aos EUA, para fins ligados à educação.¹⁹

Orientados por esse conceito de rede e adotando-se o padrão de pensamento do mundo científico, passou-se então a falar das conexões ligadas por uma rede de computadores e, a partir daí, fez-se uma rápida transmutação das pequenas redes do escritório para as complexas plataformas dos sistemas *peer-to-peer*, para a *World Wide Web* ("a Web" ou "WWW"), cuja essência é a interconexão entre as informações e a Internet (uma rede

¹⁶ CASTELLS, 1999, p. 498.

¹⁷ Para realizar o primeiro experimento com a rede foram escolhidas quatro Universidades que seriam conectadas em janeiro de 1970 na rede computacional ARPANET. Além da comunidade acadêmica a rede original atendia também à comunidade militar americana. A rede se expandiu rapidamente. Foi organizada a primeira demonstração pública da rede no outono 1972 por ocasião da *First International Conference of Computer Communications*. Nesta oportunidade a rede já dava suporte a um amplo conjunto de serviços regulares, ou seja, a rede estava se revelando, desde os seus primórdios, como um instrumento muito efetivo de cooperação. Para maiores informações consultar CASTELLS, 1999, p. 25-26.

¹⁸ CASTELLS, 1999, p. 25-26

¹⁹ Informações disponíveis no site: < http://diamante.socinfo.org.br/livro_verde/anexo_4.htm > Visitado em 24 de outubro de 2005.



interligada por redes), criando assim um mundo de informações sem fronteiras.²⁰ Essas informações são subsídios das redes de comunicação integrada que, como argumentou Kunsch, são áreas afins e em sinergia que formam a trama da comunicação e acrescenta que essa trama pode ser identificada pela confluência da comunicação institucional, da comunicação mercadológica (ligada ao *marketing*) e pela comunicação interna.²¹ Essa unidade da informação culminará numa comunicação organizacional, como descreve Kunsch:

Para as organizações em geral, é muito importante a integração de suas atividades de comunicação, em função do fortalecimento do conceito institucional, mercadológico e corporativo junto a toda a sociedade. É preciso incorporar a idéia de uma comunicação globalizante, que nos ajude a compreender e acompanhar o ritmo acelerado das mudanças no Brasil e no mundo. Uma comunicação parcial e fragmentada nunca conseguirá isso.²²

Podemos dizer que a constante troca de informações, com linguagens diferenciadas e uma formatação adequada aos grupos sociais, auxiliados pelo uso dos computadores ligados em rede e às mídias, tornou-se o componente básico da Sociedade da Informação por integrar áudio, vídeo e dados e dispensou qualquer esforço ao acesso dessas informações como também de agregar o conhecimento tal como nas antigas culturas seculares, sendo capazes de até modificarem essas culturas secularizadas. Por sua vez, as redes interligadas, seja no oceano informacional ou no “ciberespaço”, ficam ao alcance dos habitantes no planeta Terra, independentemente do seu lugar de ocupação, bastando para isso que esses habitantes tenham computadores ligados na Internet, como foi definido por Lévy:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.²³

²⁰ *Peer-to-peer* - Sistema que permite ao leitor partilhar conteúdo com outros membros da comunidade on-line. *World Wide Web* (“a Web” ou “WWW”) – é uma função da Internet que junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam. *Internet* - Conjunto de diversas redes de computadores que se comunicam através dos protocolos “TCP/IP”. Maiores informações, consultar: LÉVY, 2000, p. 27.

²¹ KUNSCH, 1997, p. 115-116.

²² KUNSCH, 1997, p. 115-116.

²³ LÉVY, 2000, p. 17.



No final dos anos 1970, o emprego da tecnologia foi quase que exclusivamente utilizada pelas indústrias devido à sua complexidade e de seus equipamentos. Só a partir de 1980, diante de uma nova perspectiva com a globalização das mídias, esse desenvolvimento tecnológico fez a informática perder gradativamente seu lugar de acento na técnica e no setor industrial para incorporar-se às telecomunicações, à editoração, ao cinema e à televisão.

Mais adiante, no início dos anos 90, em uma nova fase, surge a digitalização com todos os seus microprocessadores e suas memórias digitais, inicialmente servindo a indústria de produção e gravação de músicas para depois tornar-se base da infra-estrutura de produção de todo processo comunicacional.

A nova realidade informacional, liderada pela comunicação digital com os indivíduos conectados à rede de computadores ligados na Internet, segundo Negroponte, removeu as barreiras geográficas, modificando a demografia tradicional (estatística da população), e interferiu imediatamente nas transmissões em tempo real, ao usarmos as telecomunicações necessárias, exigindo cada vez menos a presença desses indivíduos em determinados lugares, numa demonstração de que as pessoas estão em movimento e, portanto, não estão confinados em espaços físicos determinados ou limitados para que a comunicação aconteça.²⁴

Por sua vez, permitiu também a esse indivíduo contemporâneo conectado à rede um deslocamento infinitamente mais rápido, conceituado por Lévy de *infovias* ou superestradas do ciberespaço.²⁵ Assim, ocorre uma modificação na relação tempo/espaço desse indivíduo e altera-se o local das discussões públicas e a relação social das pessoas em escala mundial.

Tudo isso nos permite dizer que ocorre uma movimentação em que o uso da Internet configura-se como uma grande *Ágora*, semelhante aos costumes adotado na antigüidade pelos gregos de utilizar as praças como o espaço das discussões, uma vez que hoje acontece também no espaço virtual as discussões públicas e exposições de idéias, redefinindo os já conceituados endereços geográficos.²⁶

²⁴ NEGROPONTE, 1995, p. 159-162.

²⁵ LÉVY, 2000, p. 17.

²⁶ *Ágora* era a praça pública onde os antigos gregos atenienses reuniam-se para debater e deliberar acerca de suas questões políticas. Era ali que tomava corpo a *ecclèsia*, a assembléia dos cidadãos para decidirem sobre os destinos de sua *pólis*, da sua cidade. Mais informações disponíveis no *Site*: <<http://empresa.portoweb.com.br/pierrelevy/agoravirtual.html>> Acessado em 26 de outubro de 2005.



3 A Comunicação na Sociedade Contemporânea

As sociedades modernas estão passando por transformações estruturais com novas formas e processos espaciais e, segundo Castells, “a dinâmica estrutural que as organizam, aparentemente simples, escondem a complexidade fundamental de uma relação significativa entre essas sociedades e o seu espaço de atuação”.²⁷ Castells ainda sustenta a teoria de que o espaço é a expressão da sociedade construída em torno de fluxos: fluxos de capital, fluxos de informação, fluxos de tecnologia, fluxos de interação organizacional, fluxos de imagens, sons e símbolos, que por sua vez são a expressão dos processos que dominam a vida econômica, política e simbólica dos indivíduos, admitindo-se ainda que, do ponto de vista da teoria social, o espaço é o suporte material das práticas sociais de tempo compartilhado.²⁸ E continua a discussão dizendo que, conseqüentemente, nessa rede de interações nenhum lugar existe por si mesmo considerando que as posições são definidas pelos fluxos de informações determinadas pelas redes de computadores ligados na Internet. Essa rede de comunicação que se configura no espaço tem sua lógica própria apoiada nos significados que são absorvidos pela rede, sem eliminar o lugar dos fluxos de informações constituídos por seus nós, que são centros de importantes funções estratégicas localizados em uma rede eletrônica conectada aos lugares específicos com características sociais, culturais, físicas e funcionais bem-definidas.

A transformação e a relativização do tempo de acordo com os contextos sociais provocadas pela movimentação da sociedade em rede posicionam a sociedade contemporânea em um novo contexto, aqui amplamente discutido por Castells, que nos alerta ao dizer que “o tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede, em um movimento de extraordinária importância histórica”.²⁹ Porém, a manipulação do tempo pelo mercado financeiro globalizado faz com que as sociedades contemporâneas vivam orientadas pela cultura do tempo cronológico e pelo espaço constituído pelas novas configurações facilitadas pelas novas tecnologias da informação, embutidas na estrutura da sociedade em rede.

Assim, podemos entender, ainda de acordo com Castells:

A transformação é mais profunda: é a mistura de tempos para criar um universo eterno que não se expande sozinho, mas que se mantém por si só, não cíclico, mas aleatório, não recursivo, mas incursor: tempo

²⁷ CASTELLS, 1999, p. 435-437.

²⁸ CASTELLS, 1999, p. 436-437.

²⁹ CASTELLS, 1999, p. 459-460.



intemporal, utilizando a tecnologia para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno.³⁰

Dessa forma, a extensão dos problemas enfrentados pelas sociedades modernas tem a sua trajetória histórica marcada por crises cíclicas que vão desde os fenômenos da natureza até os fenômenos econômicos provocados pela corrupção dos valores morais e éticos de seus dirigentes políticos. Tudo isso, desestrutura o povo nos seus aspectos econômicos, morais e sociais, compromete o fortalecimento da democracia, a garantia da cidadania e contribui para o enfraquecimento das organizações públicas. Razão pela qual, os investimentos tecnológicos são importantes e têm um papel fundamental na transformação organizacional, como descreve Castells:

A inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e na adaptabilidade foram absolutamente cruciais para garantir a velocidade e a eficiência da reestruturação.³¹

Dessa forma, Castells ainda afirma:

Sem a nova tecnologia da informação, o capitalismo global teria sido uma realidade muito limitada: o gerenciamento flexível teria sido limitado à redução de pessoal, e a nova rodada de gastos, tanto em bens de capital quanto em novos produtos para o consumidor, não teria sido suficiente para compensar a redução de gastos públicos.³²

Porém, o compromisso com a objetividade dos profissionais da comunicação não deve comprometer o entendimento dos fatos; aliás, vale ressaltar, é uma conquista do povo brasileiro ter acesso aos acontecimentos que são democraticamente projetados pela mídia na sociedade contemporânea.

Ao buscar compreender as transformações e formatações da comunicação introduzidas pelas novas tecnologias vamos encontrar desafios e tarefas que deverão ser enfrentadas por aqueles profissionais que buscam soluções para superar as crises impostas pelo mundo contemporâneo.

Apontamos aqui, a capacidade técnica e teórica dos Produtores Editoriais que usam suportes midiáticos adequados e mecanismos estratégicos necessários aos processos de comunicação como ferramenta capaz de possibilitar o diálogo entre os órgãos da esfera pública, a sociedade civil organizada e o cidadão.

³⁰ CASTELLS, 1999, p. 460.

³¹ CASTELLS, 1999, p. 37.

³² CASTELLS, 1999, p. 37.



Por isso, a busca de condições mais apropriadas para modernizar o serviço de editoração nas organizações públicas não só vai ampliar a circulação de seus produtos informacionais como também irá estimular uma produção editorial gerenciada e orientada por meio de avaliações técnicas que possam identificar as prioridades do conjunto das ações dessas organizações, considerando as demandas intersetoriais da instituição, de seus agentes políticos e das reivindicações coletivas dos cidadãos brasileiros. E mais: ampliar sua capacidade na produção de informações relevantes, pesquisas, registros, armazenamento, segurança, disseminação e acesso aos dados e às informações de interesse do público nos seus direitos indisponíveis.

Concluimos este percurso analítico lembrando que este é um estudo propositadamente incompleto devido à complexidade do objeto, às implicações técnicas apresentadas e à rápida circulação das informações na sociedade contemporânea reeditada pela Sociedade da Informação.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Rubim Santos Leão. História das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. 24. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1992.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Relações Públicas e Modernidade: novos paradigmas na comunicação organizacional. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

NEGROPONTE, Nicholas. A Vida Digital. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

TOGNOLI, Cláudio Júlio. Mundo pós-moderno. São Paulo: Sipione, 1996.